

A categoria “crítica” e seus usos na pesquisa em educação musical: considerações a partir do materialismo histórico e dialético

MODALIDADE: Comunicações orais

Yuri Coutinho Ismael da Costa
UFRN – *yuri.ismael@gmail.com*

Resumo: O objetivo do presente trabalho é discutir os usos da categoria “Crítica” no contexto das pesquisas sobre Educação Musical, de maneira a compreender algumas de suas implicações político-ideológicas. O referencial teórico adotado é o marxismo. Concluímos que, do ponto de vista da análise da sociedade capitalista, a citada categoria desdobra-se em *críticas da parcialidade* e *críticas da totalidade social*, cada uma com implicações próprias, e identificamos a necessidade da elaboração de mais investigações a partir da análise da totalidade social.

Palavras-chave: Educação musical; Marxismo; Crítica do capitalismo.

The category “critique” and its uses in music education research: considerations from the historical and dialectical materialism

Abstract: The aim of this work is to discuss the uses of the category “Critique” among researches on Music Education, in order to comprehend some of its political-ideological implications. The theoretical reference adopted is marxism. We conclude by affirming that, from the point of view of the analysis of capitalist society, the aforementioned category folds into the *critique of partiality* and the *critique of social totality*, each one with its own implications, and thus we identify the need to elaborate more researches from the perspective of the critique of social totality.

Keywords: Music education; Marxism; Critique of capitalism.

1. Introdução

Depois de consolidadas, é natural que as áreas de conhecimento, tanto do ponto de vista profissional quanto do ponto de vista da pesquisa acadêmica, elaborem e adotem um conjunto de perspectivas, objetivos e exigências elementares, aceitos por seus integrantes com pouca ou nenhuma restrição. É quase como se o referido conjunto adquirisse uma importância de caráter autoevidente. Um exemplo disso pode ser encontrado no campo da educação musical: à pergunta “que tipo de educadores queremos ser (no caso dos profissionais) ou formar (no caso das licenciaturas)?”, uma das respostas mais comuns, quase automáticas, é: queremos ser/formar professores conscientes, reflexivos, questionadores, e sobretudo *críticos*.

O objetivo do presente artigo é refletir sobre essa categoria tão difundida, porém em nossa opinião ainda insuficientemente analisada que é a “Crítica”, essa ferramenta intelectual humana fundamental dirigida tanto ao *julgamento dos valores e conhecimentos acerca da realidade* quanto à *própria estruturação objetiva da sociedade*. Este foi um dos temas abordados em nossa dissertação de mestrado (COSTA, 2012).

Em nossos dias, a *crítica* é uma categoria inserida plenamente no léxico do senso comum. E poucas tarefas são tão complexas quanto analisar termos do senso comum, pois quem os utiliza normalmente não se preocupa em defini-los de maneira rigorosa. Antes de tudo, é necessário dirigir a atenção ao contexto em que eles são adotados, para posteriormente reapresentá-los em sua especificidade, dotados de substância própria e implicações sócio-históricas. No caso da categoria analisada teremos, por exemplo, posicionamentos críticos circunscritos a todos os espectros políticos, da esquerda à direita – o que, a primeira vista, poderia nos levar a definir a *crítica* como sendo uma categoria neutra, essencialmente não-ideológica; em outras palavras, aceitar sem maiores questionamentos sua definição dicionarizada: “arte ou faculdade de julgar produções ou manifestações de caráter intelectual” (FERREIRA, 2001, p. 195).

Se por um lado a definição neutra não pode ser julgada de maneira simplista como sendo equivocada, por outro consideramos que ela não é suficiente para a apreensão da complexidade do termo. Nenhuma categoria, nenhum conceito (sobretudo aqueles ligados ao estudo da sociedade) se forma em um vácuo social, e apresentá-los unicamente como neutros não é senão uma forma de mistificá-los. Nesse sentido, acreditamos que o tipo de crítica que se faz influencia significativamente a apresentação do que se é criticado, a própria profundidade analítica da argumentação e, por fim, aponta indiretamente para diversos pressupostos políticos, éticos, estéticos e morais adotados, conscientemente ou não, por quem critica.

Este trabalho é fruto da pesquisa de mestrado (COSTA, 2012). O nosso foco na referida pesquisa foi investigar os pressupostos políticos que alicerçam a pesquisa e a atuação profissional do educador musical. Especificamente, analisamos artigos da *Revista da ABEM* (Associação Brasileira de Educação Musical) que apresentavam considerações críticas acerca da relação entre educação musical e a sociedade capitalista de nossos dias. Uma das conclusões da pesquisa nos instigou a elaborar as reflexões que se seguem: a depender da crítica efetuada, os consequentes encaminhamentos que surgem (ou que podem ser deduzidos) a partir da mesma podem servir, contraditoriamente, à *reprodução* daquilo que se problematiza.

2. Método da pesquisa

Como dito anteriormente, acreditamos que todas as análises críticas partem de um conjunto de pressupostos socialmente determinados, e obviamente isso inclui as presentes

considerações. Nossas reflexões partem de um referencial teórico que tem implicações políticas e filosóficas bastante específicas: o marxismo. Por ser um referencial ainda pouco adotado no campo de estudos da educação musical, é necessário fazer uma breve consideração a respeito do mesmo.

Em primeiro lugar, destacamos que se referir ao materialismo histórico e dialético como “método” é apenas uma forma de, de maneira simples e superficial, contrapô-lo a correntes tecnicamente mais estruturadas, como é o caso das pesquisas quantitativa e qualitativa. Antes, o materialismo marxiano é uma forma complexa, e sobretudo *aberta*, de compreender o mundo.

Karl Marx nunca teve, de fato, a preocupação em apresentar rigorosamente sua concepção materialista premissa por premissa, “ferramenta de pesquisa” por “ferramenta de pesquisa”. A forma como o autor d’*O Capital* chegou a suas conclusões foi reconstruída de maneira indireta por seus seguidores posteriormente, que buscaram em momentos específicos do conjunto de sua obra algumas indicações metodológicas. Assim, ficou a cargo de gerações futuras compilá-las para, no mínimo, poder contrapô-las a outras correntes de pensamento.

Levando isso em consideração, podemos dizer que as premissas do materialismo histórico e dialético foram elaboradas por Marx e Engels a partir de suas análises sobre o idealismo alemão (Marx, 2005; Marx; Engels, 2007), o materialismo contemplativo de Ludwig Feuerbach (Marx; Engels, 2007), e os autores clássicos da economia política, como Adam Smith e David Ricardo (Marx, 1985).

Dentre os principais fundamentos teóricos do materialismo histórico e dialético discutidos em Bottomore (2001, p. 255), selecionamos os três mais relevantes para os objetivos do presente trabalho. O primeiro enfatiza “a negação da autonomia, e portanto do primado, das ideias na vida social”. Entende-se, assim, que cada fenômeno social estudado, mesmo sendo resultado do conjunto de ações subjetivas mais ou menos idealizadas, é dotado de uma autonomia relativa em relação às concepções ideais que os indivíduos têm sobre os mesmos. Esta autonomia relativa da objetividade frente à consciência subjetiva denota a importância de se estudar *a totalidade social* para compreender os fenômenos, por um lado, e o papel da realidade social como um todo enquanto fundamento ontológico do conhecimento.

Consequentemente, o segundo fundamento citado em Bottomore (2001, p. 255) destaca “o compromisso metodológico com a pesquisa historiográfica concreta, em oposição à reflexão teórica abstrata”. A referida “reflexão teórica abstrata” deixa em segundo plano (quando não nega completamente) os movimentos da realidade empírica e julga os fenômenos estudados a partir de um dedutivismo ingênuo – invertendo, assim, o papel do que

consideramos ser *fundante* (o real) sobre o que é *fundado* (o ideal). No materialismo histórico e dialético, os dados sobre a realidade concreta fornecem o critério último de verdade para o julgamento da validade das elaborações teóricas. A pesquisa parte, assim, dos dados concretos acerca do fenômeno estudado para, após a construção teórica, voltar a ele e colocar a teoria à prova, verificando o potencial de explicação, generalização, previsão fornecidos pela mesma, bem como que tipo de ações transformadoras podem ser deduzidas da mesma.

Temos, por último, “a concepção da centralidade da práxis humana na produção e a reprodução da vida social” (Bottomore, 2001, p. 255). Cada fenômeno social estudado participa da formação do ser social em alguma medida, e apresenta um conteúdo essencial construído dialeticamente com as manifestações contingenciais ao longo de sua existência. Esta essência não é determinada de forma transcendental e atemporal e nem é dotada de um caráter imutável, e sim construída social e historicamente pelas ações humanas. Reconhece-se assim a organicidade, a singularidade, a historicidade e, conseqüentemente, a possibilidade de transformação, através da práxis, dos fenômenos problematizados.

A partir desses pressupostos, Sérgio Lessa deduziu os fundamentos de uma “ferramenta de análise de dados” (para manter a terminologia corrente em nossa área) específica do marxismo, denominada de leitura imanente, e por nós utilizada ao longo de nossa pesquisa. Através dela, considera-se o texto como um indicador da realidade social que precisa ser profundamente estudado para que tanto seu sentido interno quanto seus determinantes sócio-históricos externos sejam apreendidos da forma mais ampla possível, possibilitando uma crítica plena de suas reflexões.

Como o presente trabalho é fruto direto de nossa dissertação, é importante indicar alguns aspectos do universo analisado. Foram lidos na íntegra os primeiros 208 artigos da *Revista da ABEM* (periódico nacional voltado para a área e editado pela Associação Brasileira de Educação Musical) e, dentre estes, foram selecionados 21 por conterem algum tipo de crítica direta às relações entre educação musical e capitalismo. Devido aos limites do presente trabalho, apresentamos apenas uma amostra ilustrativa das análises ali presentes.

3. A crítica das parcialidades

A grande maioria das análises críticas que identificamos pode ser identificada com o que nosso referencial teórico denomina de *crítica das parcialidades*. São reflexões que, focadas na análise de um aspecto problemático específico da sociedade capitalista, chegam a admitir a existência de uma ligação, inclusive de *causalidade*, com a organização social

hegemônica (capitalista), mas não expõe mais a fundo os mecanismos específicos de controle e condicionamento social.

Como exemplos ilustrativos, temos as considerações de dois pesquisadores acerca de um mesmo tema: o ensino em espaços do Terceiro Setor (ONGs e Projetos Sociais). Os trabalhos analisados (MÜLLER, 2004; SANTOS, 2005) discutem a complexidade desses espaços, suas possibilidades e seus desafios. A partir disso, ambos questionam a necessidade de haverem espaços alternativos de ensino não geridos pelo Estado e não condizentes com a legislação educacional, e apontam a importância de compreender por que a sociedade capitalista é incapaz de garantir uma educação pública de qualidade, universal e gratuita.

Mas há também críticas parciais que, embora tratem de problemáticas diretamente relacionadas com os limites impostos pelo capitalismo à plena formação humana, não as identifica enquanto tais. É o caso das análises de currículos educacionais ditos tradicionais, que trabalhariam a música de maneira descontextualizada com a realidade discente, a partir de uma rígida relação hierárquica de poder em sala de aula. Observamos esse tipo de crítica em Abrahams (2005) e Ramalho (2003).

Quando os aspectos parciais da realidade social não são plenamente apresentados em sua relação dialética com a totalidade social, tanto a compreensão do que se é problematizado quanto as possíveis proposições de ações práticas tendem a se enquadrar *dentro dos limites* dessa totalidade. E de um ponto de vista social mais amplo, isso significa, entre outras coisas, que:

1. Desconsidera-se uma reflexão mais detida sobre o que a estrutura social, que tem como base o modo de produção capitalista, permite e, principalmente, *o que ela não permite* que seja feito dentro de seus limites estruturais. Nos questionamos, por exemplo, se há, de fato, possibilidade de estruturar uma educação formal compulsória, pública e de qualidade, que coloque no mesmo patamar de importância as diversas disciplinas, da Matemática e da Língua Portuguesa à Música.
2. As ações imediatas que de fato podem ser levadas a cabo possibilitam não a superação das condições limitadoras impostas pelo capitalismo, mas sim a sua conservação, especificamente através da *reforma* do sistema. É o caso de posicionamentos que se limitam a defender a reforma curricular do ensino como saída para estruturar uma educação contextualizada e de qualidade.

As críticas discutidas acima analisam, de modo geral, apenas aspectos *parciais* do sistema capitalista. Elas apresentam limitações para uma compreensão ampla da relação dialética entre sociedade e educação musical e os determinantes impostos pela organização

social capitalista, elementos fundamentais para a elaboração de uma práxis radicalmente transformadora, verdadeiramente revolucionária.

4. A crítica da totalidade

A crítica radical da totalidade, um dos pressupostos centrais do marxismo, “parte, e desde o começo já partia, dos princípios mais profundos do ser social, da prioridade ontológica da práxis em contraposição à simples contemplação da realidade efetiva” (LUKÁCS, 2010, p. 71). Nesse sentido, preocupa-se em investigar de que forma o fenômeno estudado interliga-se com a *totalidade social* à qual pertence. Segundo István Mészáros,

[...] isso significa que mesmo os fenômenos de conflito social de aparência puramente local têm de ser relacionados à totalidade objetiva de um estágio determinado do desenvolvimento sócio-econômico. Sem um esforço consciente de interligar os fenômenos sociais específicos às tendências gerais e às características do capitalismo como sistema global, o significado desses fenômenos permanece obscuro ou parece desproporcionalmente aumentado. (MÉSZÁROS, 1993, p. 113)

Na *Revista da ABEM* identificamos dois trabalhos que ilustram a concepção de *crítica da totalidade*. Destaca-se em primeiro lugar o artigo de Sonia Albano de Lima, *As rupturas ideológicas do processo cultural brasileiro e seus reflexos na educação musical* (LIMA, 2002). Este oferece o estudo mais amplo acerca do desenvolvimento político e econômico da sociedade brasileira, atrelando a esse processo a própria movimentação do capitalismo internacional que influenciou as transformações em nosso país.

Em segundo, temos o caso de Campos e Caiado (2007) que, adotando como referencial teórico o materialismo histórico e dialético, analisam o desenvolvimento histórico (compreendendo o período de 1965 à 2004) do Coral Universitário da PUC-Campinas, e como os desdobramentos da organização social capitalista, mais especificamente as imposições do neoliberalismo, forçaram mudanças significativas em sua estruturação e funções dentro da instituição: se no início o coral tinha funções estritamente pedagógicas, a partir da década de 1980 adquire um caráter claramente mercadológico.

4. Considerações finais

Se durante nossa pesquisa identificamos limites nos trabalhos individuais deste ou daquele pesquisador, de maneira alguma é nosso interesse lançar críticas e julgamentos despropositados a supostos limites pessoais – até porque, como sabemos, a grande maioria

dos artigos presentes na publicação em si já são recortes de pesquisas, dissertações e teses mais amplas e complexas, a análise das quais fugiu a nosso escopo. Antes, nosso objetivo real foi compreender a ABEM enquanto um todo maior do que a soma de suas partes, e por isso escolhemos, nesta que não é senão uma aproximação preliminar ao nosso tema de pesquisa, a leitura de suas publicações mais difundidas e discutidas, no caso as Revistas da ABEM. Temos consciência, ainda, de que mesmo este recorte é limitado e não nos autoriza a caracterizar de maneira definitiva as posições políticas da Associação – no mínimo, precisaríamos analisar profundamente as próprias *ações políticas* da ABEM (e elas são bastante significativas, como demonstra o caso da mobilização em favor da aprovação da Lei n. 11.769/08). Mas, dentro de nossas limitações, seguem-se algumas considerações que pudemos deduzir de nossos estudos.

Uma das maiores limitações das críticas das parciais é a centralidade na análise das relações políticas de poder. A consciência crítica e a luta política são, indubitavelmente, elementos importantes para a *resistência* contra os desmandos incontrolláveis do capitalismo. Porém, acreditamos que é preciso evitar a tendência de buscar soluções parciais a problemas parciais, posição normalmente identificada com o reformismo político.

Entendemos que tanto a prática política quanto a pedagógica precisam contribuir com o rompimento radical das fronteiras políticas quanto das materiais levantadas pelo sistema do capital, reconhecendo, para além dos confrontos políticos circunscritos à democracia burguesa, sua organicidade, funcionamento e condicionamentos para, a partir daí, estruturar propostas que, concretamente, possibilitem a formação de uma consciência realmente crítica e uma prática social revolucionária (levando-se em consideração a impossibilidade de que tal consciência venha a se tornar hegemônica). Por isso reafirmamos a importância central das *críticas da totalidade*.

Estamos apenas iniciando a identificação das críticas presentes em pesquisas sobre Educação Musical. Mas desde já podemos indicar alguns caminhos para futuras pesquisas (alguns dos quais pretendemos já incluir em nossa futura pesquisa de doutoramento): retomar a análise da Revista da ABEM, atualizá-la com as edições mais recentes da mesma e com a preocupação de identificar mais amplamente não apenas a crítica, mas a apologia a presente organização social; expandir o universo de pesquisa, de forma a incluir a análise de dissertações e teses; e talvez o encaminhamento mais importante: unir as críticas parciais e iniciar o trabalho de reconduzi-las à crítica da totalidade social, identificando suas relações com a base do modo de produção capitalista.

Referências:

ABRAHAMS, Frank. Aplicação da Pedagogia Crítica ao ensino e aprendizagem de música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 12, pp. 65-72, mar. 2005.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CAMPOS, Ana Yara; CAIADO, Katia Regina Moreno. Coro universitário: uma reflexão a partir da história do Coral Universitário da PUC-Campinas, de 1965 a 2004. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 17, pp. 59-68, set. 2007.

COSTA, Yuri Coutinho Ismael da. *Educação musical, marxismo e o conflito entre a reprodução e a superação do Capital*. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LESSA, Sérgio. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA, Sonia Regina Albano de. As rupturas ideológicas do processo cultural brasileiro e seus reflexos na educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 7, pp. 21-29, set. 2002.

LUKÁCS, Georg. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípio para uma ontologia hoje tornada possível*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. *Crítica da filosofia do direito*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. *Filosofia, ideologia e ciência social: ensaios de negação e afirmação*. São Paulo: Ensaio, 1993.

MÜLLER, Vânia. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 10, pp. 53-58, mar. 2004.

RAMALHO, Elba Braga. Um currículo abrangente, sim. *Revista da ABEM*, n. 8, pp. 47-52, mar. 2003.

SANTOS, Marco Antonio dos. Educação musical na escola e nos projetos comunitários e sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 12, pp. 31-34, mar. 2005.